Trabalhos Científicos

Título: Sífilis Congênita: Análise Epidemiológica Da Região Sul Entre 2021 E 2023

Autores: LAURA BITTENCOURT DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE), TAÍS DUARTE (UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE), JULIA MARCHIORI ROMERO (UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE), EDUARDA DELUCA MULLER (UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE), EDUARDA MÜLLER DE SOUZA (UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE), ANITA DOS SANTOS CARDOSO (UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE)

Resumo: A sífilis congênita, que ocorre pela transmissão da mãe para o bebê, pode resultar em graves complicações de saúde, como natimorto, deformidades e óbito. Embora seja prevenível com tratamento durante a gestação, ainda representa um desafio significativo na região sul do Brasil. Descrever a epidemiologia da sífilis congênita na região Sul do Brasil entre 2021-2023. Trata-se de um estudo descritivo observacional de abordagem quantitativa, no qual foram analisadas, em 07/2024, as seguintes variáveis no Sistema de Informações de agravos de Notificação (SINAN-DATASUS): ano de diagnóstico, sexo biológico, raça, idade do diagnóstico, idade materna, escolaridade da gravida, realização de pré-natal, tratamento no parceiro, e evolução nos casos notificados de SC no período de 2021 a 2023 na região sul do Brasil. Realizou-se estatística descritiva, com as variáveis quantitativas apresentadas por média e desvio padrão e as variáveis qualitativas por frequência e porcentagem. Durante o período analisado, registrou-se 8.702 (±879) casos de sífilis congênita na região sul, classificando-a como a terceira com maior incidência no país, com 13,26% do total nacional (65.625±6922). A maioria dos casos notificados foi composto por meninas (45,62%, 3.970), brancas (64,50%,5.613) e diagnosticadas em até 6 dias após o parto (96,24%, 8.375). Relativo aos dados maternos, a maioria das gestantes possuía entre 20-24 anos (35,92%, 3.126) ao diagnóstico de sífilis gestacional (SG), não possuíam ensino superior (67,81%, 5.900), realizaram pré-natal (84,29%, 7.335) e foram diagnosticadas com SG durante o mesmo (68,39%, 5.951). Evidencia-se, também, que 49,16% (4.278) dos parceiros não tiveram tratamento realizado. No período, apesar da alta incidência, a taxa de óbito pelo agravo foi de 1,23% (98) e detectou-se uma redução absoluta no número de casos entre os anos de 2021 e 2023, indo de 3.544 para 1.657 notificações no último ano analisado. A sífilis congênita no Sul do Brasil emerge como um sério desafio de saúde pública. A análise epidemiológica revela um perfil predominante de mães com menor escolaridade e na faixa etária de 20 a 24 anos, o que pode indicar comportamentos de risco. Adicionalmente, é preocupante a taxa significativa de parceiros que não recebem tratamento adequado. Portanto, é imperativo intensificar campanhas de conscientização, implementar ações preventivas eficazes, fortalecer o pré-natal e melhorar a assistência à gestante, além de garantir tratamento completo e acompanhamento regular para gestantes com sífilis e seus parceiros. Essas medidas são essenciais para mitigar o impacto da sífilis congênita na região, protegendo a saúde tanto das gestantes quanto dos bebês.